

## O HABITAR DE HERMES PODE ACOMODAR FORMAS DE VIDA [IN]CÔMODAS NO ANTROPOCENO?

CAN HERMES' DWELLING ACCOMMODATE [IN]COMFORTABLE LIFE FORMS IN THE ANTHROPOCENE?

Leonardo Marques KUSSLER

Doutor em Filosofia (UNISINOS, Prosuc/Capes, 2014-2018),  
com estágio pós-doutoral (2019-2020) pela mesma instituição.

E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

### RESUMO:

Pensar sobre o habitar é pensar sobre o modo como seres humanos vivem no mundo, mas em que medida a hermenêutica pode dizer algo sobre o assunto? É tentando responder essa pergunta que, neste artigo, me proponho a abordar, na primeira seção, o que seriam formas de vida [in]cômodas no Antropoceno, partindo de uma análise etimológica e relacionando-a ao desdobramento do *viver com* do ser humano que projeta sua vida em meio a outros entes humanos e não humanos. Na segunda seção, argumento que o *habitar de Hermes*, isto é, o modo de ser hermenêutico pode auxiliar no processo de pensar e viver de forma mais comunitária e sustentável. Por fim, pondero sobre como os aspectos de ética e alteridade da hermenêutica gadameriana podem amparar problemas que tocam todos nós enquanto espécie, possibilitando que sejamos mais compreensivos, acolhedores e protetores do mesmo espaço que habitamos.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica filosófica. Hans-Georg Gadamer. Formas de vida. Habitar no Antropoceno.

### ABSTRACT:

To think about dwelling is to think about the way human beings live in the world, but to what extent can hermeneutics say something about the subject? It is in an attempt to answer this question that, in this article, I propose to address, in the first section, what would be [un]comfortable forms of life in the Anthropocene, based on an etymological analysis and relating it to the unfolding of *living with* the human being that projects his life among other human and non-human beings. In the second section, I argue that *Hermes' dwelling*, that is, the hermeneutical way of being, can help in the process of thinking and living in a more communal and sustainable way. Finally, I consider how aspects of ethics and otherness of Gadamerian hermeneutics can support problems that affect all of us as a species, enabling us to be more understanding, welcoming and protective of the same space we inhabit.

KEYWORDS: Philosophical hermeneutics. Hans-Georg Gadamer. Forms of life. Dwelling in the Anthropocene.

## Introdução

A reflexão sobre os modos de habitar pode gerar inúmeras discussões sob diferentes perspectivas, temas e áreas do saber. Na filosofia, no presente artigo, minha proposta é abordar em que medida é possível pensar em formas de habitar e *ser-no-mundo* que agreguem o outro, na tentativa de reconhecer os problemas emergentes do Antropoceno. Também considero a necessidade de um tipo de *conscientização existencial individual e comunitária* que leve a perceber o que chamo de *formas de vida [in]cômodas*, isto é, o habitar de pessoas que não estão vivendo de forma digna e com qualidade de vida.

Para tanto, na primeira seção, discorro sobre as *formas de vida [in]cômodas no Antropoceno*, que incluem, mas não se restringem ao modo de ser do humano. Assim, parto da concepção etimológica do que seja *casa*, o que comumente se entende por *lar*, o aspecto *doméstico*, do *interior de uma família*, com seus *modos de ser específicos*, ressaltando a relação entre *formas de habitar* e *modos de viver*, assim como a implicação do privado e do público, da participação individual e comunitária/coletiva. Posteriormente, abordo as noções de *hábito* e *habitar*, tensionando os termos ao colocá-los em diálogo, desdobrando, assim, elementos do *meio ambiente* no qual vivemos, enquanto seres dependentes de recursos naturais e meios para subsistência que beiram o colapso na contemporaneidade, colocando em risco a vida humana e não humana. Feito isso, trato do conceito de *técnica* e de como a discussão heideggeriana da racionalidade técnica enquanto forma de dominação das coisas faz com que se amplie a discussão de outros autores acerca da interligação tecnológica, ambiental e humana, enfatizando a necessidade de se pensar em uma *casa comum* dos seres humanos (e não humanos) que precisam buscar um modo de coexistir mais equilibrado.

Já na segunda seção, a partir de uma reflexão bibliográfica de autores(as) contemporâneos(as), o foco é ampliar a discussão e pensar em uma solução que implica um modo diferente de *ser-no-mundo*, a saber, o *habitar de Hermes* ou modo *de ser hermenêutico*, que, como explícito, pode auxiliar na construção de uma vida mais comunitária, isto é, em que o comum, a convivência e a preservação de um *locus comum* permite uma vida mais plena. Partindo do princípio de que a hermenêutica filosófica de Gadamer transcende o caráter utilitário de *técnica de interpretação de textos*, sendo considerada como *modo de compreender a si, o mundo e as coisas*, minha intenção é argumentar em favor de uma filosofia prática e existencial, que se aplica também na forma como habitamos o mundo. Mostro, pois, que a hermenêutica gadameriana se desdobra enquanto ética e modo de ser da alteridade, considerando a necessidade de escutar o outro e buscar o diálogo entre diferentes visões de mundo minimamente tolerantes. Por fim, mostro como

Gadamer também trata do *habitar* quando trata da capacidade de o ser humano *demorar-se* em um lugar, por meio da linguagem e dos diferentes idiomas, em que há uma tendência a um mundo habitado ecumênico, isto é, que agrega diferentes seres em um mesmo lar a ser preservado.

## 1. Breve reflexão sobre algumas formas de vida [in]cômodas que habitam no Antropoceno

Nesta seção, o objetivo é abordar sucintamente o tema das *formas de vida*, especialmente no que se refere àquelas que são ou se sentem [in]cômodas no momento geo-histórico que se convencionou chamar *Antropoceno*. Isso não significa que farei uma análise exaustiva das inúmeras formas de vida que existem, vivem e/ou habitam o mesmo planeta que dos seres humanos, mas que buscarei refletir sobre alguns fundamentos do que podemos entender como possibilidade de [con]viver em uma mesma realidade, em um mesmo momento histórico, em um mesmo mundo ou uma *mesma terra*. Será que todos os seres humanos contribuem em pé de igualdade no que tange à destruição dos biomas e à exploração dos recursos naturais? Todas as formas de vida, para além daquelas identificadas como *humanas*, habitam a casa do mesmo modo, seja ela privada, unitária e particular ou comunitária e compartilhada por diferentes espécies? É possível *acomodar* formas de vida [in]cômodas dentro de um panorama comum? Essas são algumas das questões que tentarei delinear no texto abaixo.

Para iniciar a análise ora planejada, gostaria de abordar a palavra-chave do presente dossiê, a saber, *casa*. De acordo com Hulin (2017), uma *casa* é algo material, concreto, enquanto que um *lar* é um espaço imaterial e imaginativo, que evoca tanto pertencimento quanto alienação; perder um lar pode ser uma catástrofe política. A partir da conhecida palavra grega, οἶκος [oíkos], podemos extrair o conceito de casa, mas não apenas enquanto uma construção material e física cuja função é servir de moradia e/ou *habitação*. O substantivo grego denota o conceito de: *lar*, elementos *domésticos*, elementos da *vida privada*, *assuntos interiores*, família, domicílio, bens domésticos, a substância e/ou ponto de referência de alguém, a herança e/ou as normas de alguém ou um grupo de indivíduos (LIDDELL; SCOTT, 1996). Conforme atestam os estudos de Roy (1999) e Ojakangas (2020), há uma conexão de *formas de habitar* e *modos de viver* arraigados na formação das cidades-estado da Grécia Antiga, em que há clara divisão entre os elementos *privado* [οἶκος = oikos] e o *público* [πόλις = pólis], aspectos governados, respectivamente, pelas artes da *economia* [οἰκονομία = oikonomía] e da *política* [πολιτική τέχνη = politiké téchnē]. Assim, ao mesmo tempo em que há uma divisão do que significa cada um dos aspectos público e privado, há, também, uma clara *relação*

entre eles, de modo que não se deveria tratar dos problemas de uma cidade, por exemplo, sem que fossem consideradas questões relativas às idiossincrasias de determinados indivíduos.

Para relacionar o modo de residir, habitar, morar em um determinado *locus*, podemos afirmar que *quem habita tem hábitos*. É por isso, talvez, que podemos relacionar οἶκος [oikos] com ἦθος [Éthos], visto que o segundo termo, para além do significado de *hábito/caráter*, também carrega o sentido de *local de costume* ou *morada de animais*, isto é, o local para o qual habitualmente se retorna para viver como se quer, sob o manto das *normas da casa*, da família, do núcleo privado. O *habitar* leva em consideração, pois, uma noção de identidade de um determinado grupo social, o que, de certo modo, inclui a relação de um pequeno grupo privado (como uma família) em um grande grupo coletivo (como uma determinada comunidade). A própria noção de ética, derivada do termo grego supracitado, trata da *morada do ser humano*, ou seja, a forma como este ser vive em meio à natureza e por intermédio das atribuições que a *cultura humana* possibilita. Mais do que viver conforme a orientação e observação dos fenômenos naturais, na Filosofia Ocidental, desde a Grécia Antiga, habitar um ἦθος é viver de acordo com uma normativa criada e/ou tornada hábito, que pode ser também eventualmente questionada e modificada.

Agora que adentramos à seara do habitar enquanto forma de vida que acomoda tanto os fatores existenciais do individual e do coletivo — de um núcleo familiar ou de um conjunto de famílias que constituem uma cidade, por exemplo —, vale ressaltar que a relação do ser humano com o meio no qual vive, a saber, o *meio ambiente* em suas expressões biológicas, físicas e químicas, nem sempre é equilibrada. Aliás, é por conta de uma relação desequilibrada que surge o termo *Antropoceno*, que ressalta esta última época geológica com alta intervenção do ser humano no desequilíbrio ambiental e na destruição da fauna e da flora (CANEY, 2021).<sup>1</sup> Da junção de ἄνθρωπος [ánthropos] e καινός [kainós], respectivamente, *homem/ser humano* e *o novo/recente*, o conceito de Antropoceno traz à baila a discussão sobre a contribuição do ser humano na modificação do espaço e da paisagem global, em situações micro e macro. Trata-se do reconhecimento de um ser que em eras passadas, como no Neolítico, era um animal terrestre inferior e

---

<sup>1</sup> Há uma discussão atual com relação à preservação do meio ambiente que tenta complementar/superar a discussão da *sustentabilidade* implementando o que se chama de *design regenerativo*, que concentra esforços em não mais pensar em modos de extrair recursos de um determinado ambiente de forma amenizada, mas de *regenerar* o ambiente já degradado. O foco sai do *projeto sustentável* para a noção de *local regenerado*, de modo que o lugar ganha ênfase em relação ao que se faz nele sob a orientação da *visão sistêmica da vida*, como é possível perceber em diversas pesquisas (FRANCE, 2007; MANG; HAGAARD, 2016; ROÖS, 2021; ZARI, 2018).

que passa a se reorganizar e se tornar um fator determinante no desenvolvimento do planeta, criando desafios à própria manutenção da vida na Terra como um todo (RAFFNSØE, 2016).

Esse tipo de reflexão dialoga com o que Heidegger (2012) aborda ao tratar do *modo de ser da técnica*, que engloba um modo de vida especialmente desenvolvido a partir da industrialização, que enxerga a natureza apenas enquanto *recursos naturais a serem explorados*, meio para um fim, objeto a ser apreendido. Não é à toa que, inspirados pela discussão heideggeriana dos anos 50, autores como Bruno Latour (2017, 2020), Timothy Morton (2013, 2016, 2018), Dufresne (2019) e Briggie (2021), dentre outros, abordam questões que unem elementos ambientais, tecnológicos e humanos. A propósito, um elemento unânime nesses estudos é relacionar a ação humana à degradação ambiental, à *casa comum da humanidade*. As discussões em torno do Antropoceno implicam temas acerca da mudança climática, das consequências do efeito estufa, da responsabilidade das gerações atuais para com as futuras — que converge em muito com as discussões popularizadas por Hans Jonas (2006) —, justiça climática, direitos e deveres relativos à exploração natural e à reparação ambiental, fontes de energia alternativas, mitigação e adaptação de comportamentos humanos nocivos à vida tal como conhecemos etc. No que tange à filosofia da técnica contemporânea, também vemos uma crescente preocupação com o modo como se *projetam coisas* e em que sentido há um compromisso ético antes, durante e depois do processo *do fazer*, discutidos sobremaneira em estudos do design (ESCOBAR, 2018; FLUSSER, 1999; FRY, 2020; KROES, 2012; MAARTEN; LOKHORST; VAN DE POEL, 2022; VAN DE POEL; GORP, 2008; VERBEEK, 2008; VERMAAS et al., 2008; VEZZOLI; MANZINI, 2008; WILLIS, 2006).

Dando continuidade à discussão acerca da experiência de projetar em relação às *habitações e os modos de habitar*, é impossível não mencionar, mesmo que de modo sucinto, sobre algumas discussões provenientes do campo da *arquitetura*, que, como se sabe, foi berço de diversos cursos de *design*. A arquitetura já foi tema de elucubrações filosóficas especialmente por seu valor artístico, mas também é considerada quanto se trata de assuntos menos óbvios, como o próprio *status ontológico* de um objeto arquitetônico em relação a outros objetos, por exemplo. Além de questões relativas ao funcionalismo e à eficiência — como no caso dos projetos mundialmente famosos idealizados na Bauhaus que influenciaram projetos arquitetônicos de projetistas como Oscar Niemeyer —, os projetos arquitetônicos marcam períodos históricos, possibilitam preservação e/ou ruína de determinada criação arquitetônica, conformam determinadas formas de viver e, dependendo do *casamento político*, podem impedir o acesso à moradia, gerar desigualdade ou hostilizar o espaço público (BOTIN; HYAMS, 2021; DE CLERQ, 2012; FISHER, 2016; GAGE, 2019; HARRIES, 1998; MAARTEN; LOKHORST; VAN DE POEL, 2022; PARSONS, 2008; SNODGRASS; COYNE, 2006; VERMAAS et al., 2008).

Aqui entra o questionamento das *formas de vida [in]cômodas*, visto que, por conta de contingências econômicas e políticas, algumas *formas de vida* não estão necessariamente vivendo de forma cômoda e, por vezes, ainda são consideradas *incômodas* por determinado segmento social — vide os projetos de *arquitetura hostil* em voga no Brasil e ao redor do mundo (KUSSLER, 2021). Quem decide quem pode usar o espaço público? Quem possibilita que se naturalize a apropriação e privatização do que é comum? Aliás, o verbo *arquitetar* deriva da noção de *edificar*, criar ou elaborar algo, mas também abarca o sentido figurado de *tramar* contra alguém, e isso fecha com sua utilização para impedir que *formas de vida incômodas* — do ponto de vista da organização social estratificada, que considera, por exemplo, moradores de rua como um problema e/ou o direito à moradia como uma utopia — incomodem *formas de vida cômodas*, que, em geral, deveriam ter mais responsabilização pela degradação da nossa *casa comum* por conta das atividades de exploração natural exacerbadas que normalmente permitem que uma classe social ascenda vertiginosamente. Podemos pensar, também, na perspectiva da coisa construída como ferramenta de segregação e *controle social*, visto que nem todas as pessoas possuem o status de liberdade para ir e vir aonde bem entendem, seja por sua condição social e/ou situação em relação ao aparato legal, institucional e clínico de uma dada sociedade (FOUCAULT, 1999, 2008).

Para finalizar a seção, gostaria de afirmar que algumas propostas, como a que proporei na próxima seção, poderiam ser incorporadas no sentido de *acomodar formas de vida incômodas* em uma perspectiva mais comunitária, isto é, em que o *comum* passa a ter mais valor que o esquema de *propriedade privada*, possibilitando, inclusive, uma visão mais abrangente e acolhedora com relação às diferentes formas de vida que carecem de condições de viver dignamente (DUSSEL, 1986; ELLIOTT, 2010; FULFORD; LOCKROBIN; SMITH, 2020; MURPHY, 2014). Alguns dos principais conceitos nos diversos estudos sobre o *comum* ou *comunitário* incluem *participação*, *coimplicação*, *convivência* e *interdependência*, de modo que, como já afirmado anteriormente, o conceito de *posse/propriedade* não é mais fundamental para tal modo de vida. Como defendem alguns autores, a comunidade só ocorre em um *ethos ontológico* em que usamos as coisas sem nos apropriarmos delas ou em um esquema deontológico em que compartilhar e dividir definem nosso *ser-em-comunidade*, de modo que o fator coexistencial é preponderante, excluindo-se a noção proprietária que comumente nos divide (BIRD, 2016; ESPOSITO, 2004; GARCÉS, 2013).

Na próxima seção, tentarei expor como o que chamo de *habitar de Hermes* pode contribuir para *acomodar formas de vida incômodas no Antropoceno*, explicitando como o *modo de ser hermenêutico* pode auxiliar no processo de amenizar *incômodos* e propor uma prática, uma [incomod]ação, no sentido de promover e/ou capacitar seres humanos para o melhor convívio em comunidade, com abertura para compreender

e respeitar o outro, que, mesmo quando completamente diferente de mim, compartilha algum tipo de coexistência em um mesmo planeta Terra antropizado e ameaçado por sujeitos *eticamente incômodos*.

## 2. O *habitar de Hermes* ou o *modo de ser hermenêutico* como alternativa de vida cômoda

Na seção anterior, propus um sobrevoo curto, mas conciso, sobre as *formas de vida [in]cômodas* no Antropoceno, em que incluiu uma reflexão etimológica sobre o que entendemos por *casa*, *lar* e o *habitar*, do público e do privado, dos hábitos imbuídos no ato de habitar, da degradação do meio ambiente por conta da antropia, do papel socioético da arquitetura e o ato de projetar. Agora, gostaria de dar atenção ao que chamo de *habitar de Hermes*, que, alegoricamente, simboliza o *modo de ser hermenêutico* e uma vida cômoda e mais *comunitária* que não seja constituída pela concentração de renda, pela negação do outro e/ou pela ótica da natureza enquanto recurso a ser explorado.

Inicialmente, preciso ressaltar que parto de um pressuposto já amplamente debatido que diz respeito à relação da hermenêutica filosófica gadameriana com temas como ética, diálogo, alteridade e política. Essas discussões podem ser encontradas em diversos autores, como (ROHDEN; KUSSLER, 2021), Dennis J. Schmidt (2008, 2012, 2016, 2017, 2019, 2022), James Risser (2016, 2019), Theodore George (2014, 2020a, 2020b), Chris Lawn (2006), Chris Lawn e Niall Keane (2011), Carlo DaVia (2021), Georgia Warnke (2002, 2022), Robert J. Dostal (2022), Nicholas Davey (2014, 2016), Hans-Herbert Kögler (2015), Eric S. Nelson (2015), Donatella Di Cesare (2020), Luiz Rohden (2020a, 2020b, 2021, 2022), David Vessey (2016), Kristin Gjesdal (2010), Ying Huang (2005), Scherto Gill (2015), Constantin-Alexander Mehmel (2016), Benjamin McMyler (2000), entre outros.

Feita a justificativa de outros autores que reforçam o que entendo dos elementos práticos e éticos da *hermenêutica filosófica*, que me auxiliam a situá-la enquanto uma *atitude* ou um *modo de ser-no-mundo*, parto para argumentação do que defendo como o *habitar de Hermes*, que significa nada mais que uma forma de vida reflexiva diante dos problemas próprios do Antropoceno a partir de algumas reflexões do próprio Gadamer. Vale ressaltar que, com exceção de sua tese de habilitação — *Ética dialética de Platão* —, do final dos anos 20, publicada em 1931<sup>2</sup>, Gadamer dificilmente trata explicitamente da ética. De certo modo,

---

<sup>2</sup> Gadamer apresenta sua tese de habilitação, em 1928, sob orientação de Paul Friedländer e Martin Heidegger. O texto carrega a importância de ser uma das primeiras publicações de Gadamer, servindo não apenas para mostrar ao grande público sua desenvoltura em estudos filológicos, especialmente

apesar de pouco difundida e estudada no Brasil, essa obra é uma ótima introdução a uma das principais teses do autor, a saber, de que o processo de compreensão não se reduz a uma questão teórico-conceitual, mas também prática, com reflexos diretos na forma como habitamos o mundo.

Agora, a fim de manter a progressão conceitual, proponho uma interpretação de alguns excertos de textos de Gadamer em ordem cronológica, começando pelo *Hermenêutica como tarefa teórica e prática*, de 1978, em que retoma discussões presentes nos diálogos platônicos *Filebo* e no *Sofista*, por exemplo, conferindo ao filósofo a *materialização da dialética*, a capacidade de tomar boas decisões em busca do bem individual e comum, além da capacidade de *compor com o oposto em uma unidade*, especialmente por meio da política, para alcançar uma *vida honesta e equilibrada* (GADAMER, 2002). Na sequência, em *A ideia da filosofia prática*, de 1983, Gadamer busca analisar como Aristóteles define que a filosofia prática já pressupõe uma formação madura do modo de ser-no-mundo, de se comportar em um local e um tempo, ressaltando, também, a indissolubilidade das virtudes éticas e as dianoéticas; φρόνησις [phrónēsis] conjuga ἦθος [éthos] e διάνοια [diánoia], o *modo de ser/caráter* e a *inteligência/capacidade de pensar* (GADAMER, 2012a).

Em *Cidadãos de dois mundos*, de 1985, Gadamer trata do neologismo husserliano, *Lebenswelt*, o *mundo da vida*, que fundamenta, em parte, a noção de historicidade e de situação existencial no processo de compreensão hermenêutico. Além disso, retoma o sentido de experiência [Erfahrung] enquanto uma viagem [Fahrt] na qual algo conhecido se une a um novo conhecimento junto a um saber que permanece — como no processo de reconhecimento dialético-epistemológico platônico —, que também tem relação com o reconhecimento da alteridade e do comum entre o *eu* e o *outro* (GADAMER, 2012b).

Em um texto de 1992, chamado *Pátria e linguagem*, Gadamer discute sobre a relação da linguagem com o modo como existimos no mundo *entremeados e atravessados pela linguagem*, relacionando a experiência de viver em um país estrangeiro; *habitar/demorar-se* [Einkehr] em um lugar é habitar determinado idioma (GADAMER, 2022). Para Gadamer, linguagem é sempre *possibilidade de diálogo*, por isso tornar um

---

em sua interpretação do *Filebo* platônico, mas para exibir sua capacidade de utilizar o método fenomenológico heideggeriano na interpretação de um clássico. Aqui, Gadamer tenta mostrar como há uma relação no modo como Platão desenvolve sua dialética para explicar o modo como seres humanos chegam a uma compreensão mútua e consensual por meio do diálogo, por isso a relação com a forma como tomamos decisões e nos relacionamos por meio da linguagem (GADAMER, 2016).



país familiar para poder habitá-lo passa pela compreensão de um determinado idioma, mas de sua cultura, das *formas de vida ali presentes*.

Já em *Europa e o oikoumene*, de 1993, Gadamer trata especificamente do *mundo habitado*, visto que οἰκουμένη [oikouménē], o *habitar ecumênico*, deriva-se de οἶκος [oikos] — que, como já abordei na primeira seção, refere-se à *casa*, o local de habitação, um *lar*. Na década de 90, provavelmente inspirado pelas discussões do então recente *Relatório Brundtland*<sup>3</sup>, Gadamer está preocupado com questões relacionadas ao fluxo migratório de pessoas de diferentes países, a pluralidade cultural, assim como a manutenção da vida tal como a conhecemos com o aumento vertiginoso da poluição, da população, da crise ambiental e a incapacidade humana em controlá-la em um ambiente movido pela técnica industrial e a lógica individualista, distante da sustentabilidade (GADAMER, 2012c). É disso que Gadamer também está falando, mesmo que de modo mais indireto, quando aponta, ainda em *Verdade e método*, que a hermenêutica filosófica transcende a hermenêutica tradicional, visto que não trata apenas da interpretação de textos, de obras de arte ou da história, mas, sobretudo, de seres humanos (GADAMER, 1999).

Compreender, para Gadamer, tem a ver com a noção *das partes e do todo*, que pode ser interpretada também como os aspectos individuais, gerais, sociais e comunitários de diferentes formas de vida. Compreender é mais que entender, assim como supera a interpretação, pois não se trata de apenas de querer enquadrar um objeto racionalmente, extrair deste a solução para um enigma. Compreensão, na língua portuguesa, é sinônimo de *abrangência*, assim como também significa o *ato de compreender os outros*, pois não se reduz ao elemento meramente racional, pois ser *compreensivo* é ser capaz de não apenas tolerar, mas abraçar o diferente, o outro, as diferentes formas de vida. Nesse sentido, é possível relacionar o *modo de ser hermenêutico* ou o que chamo de *habitar de Hermes*, como uma forma de vida que busca *acomodar os*

---

<sup>3</sup> A título de informação, o relatório em questão intitula-se *Nosso futuro comum*, discutido desde os anos 70, mas publicado, oficialmente, apenas em 1987. O objetivo central do relatório era abrir a discussão sobre os conceitos de *desenvolvimento sustentável*, industrialização estratégica e eficiente, desafios comuns (em relação ao meio ambiente, o planeta comum de todos nós), segurança alimentar, degradação ambiental e novas matrizes de energia, crescimento populacional, o déficit de moradias e o fluxo migratório etc. Resumidamente, o documento demonstra que o futuro estava se tornando rapidamente insustentável por conta da exploração exacerbada e irresponsável de grandes empresas ao redor do mundo, de modo que, se não houvesse um compromisso mínimo consensual e comum das nações, estaríamos acelerando em muito o processo de destruição planetária, inviabilizando a vida humana no planeta (BRUNDTLAND, 1987).

*incômodos na Terra*, sejam eles expressos pelas desigualdades sociais ou pela degradação ambiental, por exemplo.

Buscar compreender não se reduz apenas ao elemento teórico, de saber que um determinado problema existe, mas implica alguma [rel]ação para com ele, de modo a tentar mitigar, contornar e, em última análise, resolver. Uma das formas do *habitar de Hermes* — esse modo de existir no mundo que considera o outro como fim e não como meio; o outro como alguém sobre o qual sou minimamente responsável, devo respeito e cuidado —, pode ser expressa em estudos como os de Gustavo S. Batista, que considera que a experiência hermenêutica de Gadamer expressa um elemento prático e comunitário por meio da *arquitetura*, [pre]ocupando-se com o viver-com e a *coexistência humana também no contexto ambiental*<sup>4</sup> (BATISTA, 2020a, 2020b). Outro *habitar de Hermes* pode ser observado tanto nos recentes estudos de Cynthia R. Nielsen, mormente relativos aos elementos performáticos e à capacidade comunitária da experiência da arte a partir do conceito de experiência estética em Gadamer, o que mostra o crescente interesse do *comunitário* nos estudos gadamerianos. Dito de outro modo, parece haver um tipo de compromisso ético, existencial e de responsabilidade advindo da *práxis hermenêutica* de Gadamer, de modo que o *habitar de Hermes* nos coloca, de um modo ou de outro, na posição de *guardiões sociopolíticos e ambientais da Terra* em suas múltiplas riquezas naturais, culturais e espirituais.

## Considerações finais

No presente artigo, propus uma discussão acerca dos *modos de habitar* a partir do contexto da hermenêutica filosófica de Gadamer. O principal objetivo foi mostrar que é possível pensar um modo de *ser-no-mundo* que seja mais inclusivo, tolerante para com o outro, mas também capaz de incutir pensamentos e ações que lidem com os problemas emergentes e próprios do Antropoceno —

---

<sup>4</sup> Um estudo de matiz heideggeriano, atual e relativo a questões ambientais, pode ser encontrado na obra de Frank Schalow (2021), que, dentre outros assuntos, aborda a relação do *ecológico* ao *econômico*, de modo que o problema ambiental, de modo que a questão da conservação ambiental é tanto um problema ético quanto econômico, por isso a necessidade de pensar outro modelo de produção e de subsistência humana para além do *tecnocapitalismo*.

especialmente os relativos à calamidade ambiental global, não apenas do ponto de vista da sustentabilidade ou da preservação, mas também da *regeneração* — a partir da hermenêutica.

Assim, na primeira seção, tratei especificamente das *formas de vida [in]cômodas no Antropoceno*, destacando que, por uma questão de desigualdade socioeconômica, há aquelas que estão bem acomodadas — e normalmente são responsáveis pelo avanço predatório sobre o meio ambiente — e outras que estão *desalojadas*, além de serem vistas como incômodas pelo outro polo. Como é comum em estudos filosóficos, parto da análise etimológica dos termos *casa, lar, habitar*, entre outros, enfatizando como estão correlacionados os modos de compreensão acerca dos elementos da vida privada, doméstica e familiar, que se desdobram na interação com o meio público, social e comunitário. Feito isso, considero em que medida o *hábito* e o *habitar* dialogam, envolvendo problemáticas concernentes ao meio ambiente e à vida coabitada em um mesmo planeta, cujos recursos naturais e meios para manutenção da vida encontram-se escassos e ameaçados pelo modo de habitar desequilibrado que os seres humanos vêm levando, em grande parte. Adicionalmente, argumento que a discussão sobre o conceito de *técnica*, herdada de Heidegger, permite que diversos autores explorem a relação da tecnologia com o fator ambiental e humano, impondo-se que se pensemos em uma lógica mais abrangente e acolhedora, no sentido de uma *conscientização de uma casa comum* e da busca por um modo de habitar mais equilibrado.

Na sequência, na segunda seção, elaborei uma lista extensiva de autores(as) que discutem a questão da hermenêutica para além do jargão clássico de *técnica de interpretação*, especialmente na figura de Hans-Georg Gadamer em seus discípulos contemporâneos. Tal análise me permitiu formular o que chamei de *habitar de Hermes*, que é um modo mais poético de denominar o *modo de ser-no-mundo hermenêutico*, cujo foco, como mostrei, é construir uma vida mais comunitária, na qual o aspecto do *comum* permite a convivência entre os diferentes seres humanos e não humanos, preservando o ambiente no qual coexistimos. Considerando, pois, a hermenêutica filosófica como algo que não se restringe ao seu caráter metodológico exegético, mas se estabelece enquanto *postura existencial*, um *modo de compreender* a si, aos outros, o mundo e os entes nele, não é difícil derivar o *habitar de Hermes*, um modo de coabitar o mundo com outros seres humanos e não humanos de modo mais tolerante, ético e acolhedor. Por fim, ressaltai como o próprio Gadamer se ocupara de questões relativas ao *habitar*, em diferentes períodos de sua vida, especialmente quando destaca a capacidade humana de *demorar-se* em um lugar, em meio a outros, por meio da linguagem, com necessidade de um modo de habitar ecumênico e agregador, que preserva e busca regenerar o lar comum.

Em conclusão, como estamos em um momento ímpar da humanidade, em que a emergência climática se impõe a todos(as) com distinções meramente econômicas, mas com capacidade de afetar a

qualquer ser humano, julgo importante repensar o modo como habitamos o mundo e o resgate de um *esforço coletivo/comunitário* para superar tal realidade. Em meio à calamidade dos povos Yanomami no Brasil por conta da ganância neoliberal desenfreada e o foco no desenvolvimento individual e da desigualdade social, urge pensarmos para além de soluções simplistas, individuais e esporádicas, mas realmente pôr em prática acordos internacionais, como a retomada do Fundo da Amazônia por países da União Europeia e outros, visto que a biosfera amazônica e brasileira não diz respeito apenas à subsistência das culturas dos povos originários, mas de seu modo de habitar que possibilita que uma região resista ao avanço desenfreado da racionalidade técnica do capitalismo contemporâneo, que enxerga o outro sempre como meio, seja ele humano, não humano ou recurso natural. Tomar para si o *habitar de Hermes* é, em última análise, assumir uma postura crítica com relação ao caos ambiental, colocando-nos, individual e coletivamente, uma espécie de *imperativo ambiental*, no qual devemos preservar e regenerar, talvez aprendendo com os próprios povos originários, que viveram tantos séculos de forma simbiótica e sistêmica com a natureza.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, G. S. Gadamer e a questão ambiental. *Revista do NUFEN*, v. 12, n. 1, p. 41-51, 2020a. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n1/a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. *A relevância da arquitetura no pensamento de Gadamer*. Curitiba: Editora CRV, 2020b.

BIRD, G. *Containing community: from political economy to ontology in Agamben, Esposito, and Nancy*. Albany: State University of New York Press, 2016.

BOTIN, L.; HYAMS, I. B. (eds.). *Postphenomenology and architecture: human technology relations in the built environment*. Lanham: Lexington Books, 2021.

BRIGGLE, A. *Thinking through climate change: a philosophy of energy in the anthropocene*. Cham: Springer International Publishing, 2021.

BRUNDTLAND, G. H. *Report of the World Commission on environment and development: our common future*. Oslo: [s.n.]. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CANEY, S. Climate justice. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2021. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/justice-climate/>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

DAVEY, N. Towards a community of the plural: philosophical pluralism, hermeneutics, and practice. In: VAN DER HEIDEN, G.-J. (ed.). *Phenomenological perspectives on plurality*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 88-102.

\_\_\_\_\_. Lived experience: Erlebnis and Erfahrung. In: KEANE, N.; LAWN, C. (eds.). *The Blackwell companion to hermeneutics*. Malden: Wiley-Blackwell, 2016. p. 236-332.

DAVIA, C. Gadamer's phenomenological ethics. *European Journal of Philosophy*, v. 29, n. 4, p. 746-757, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ejop.12602>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

DE CLERQ, R. Architecture. In: RIBEIRO, A. C. (ed.). *The Continuum Companion to Aesthetics*. London; New York: Continuum, 2012. p. 201-214.

DI CESARE, D. It is time for philosophy to return to the city. *Journal of Continental Philosophy*, v. 1, n. 2, p. 201-216, 2020. Disponível em: <[https://www.pdcnet.org/jcp/content/jcp\\_2020\\_0001\\_0002\\_0201\\_0216](https://www.pdcnet.org/jcp/content/jcp_2020_0001_0002_0201_0216)>. Acesso em: 10 fev. 2023.

DOSTAL, R. J. *Gadamer's hermeneutics: between phenomenology and dialectic*. Evanston: Northwestern University Press, 2022.

DUFRESNE, T. *The democracy of suffering: life on the edge of catastrophe, philosophy in the anthropocene*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2019.

DUSSEL, E. *Ética comunitaria*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1986.

ELLIOTT, B. *Constructing community: configurations of the social in contemporary philosophy and urbanism*. Lanham: Lexington Books, 2010.

ESCOBAR, A. *Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds*. Durham; London: Duke University Press, 2018.

ESPOSITO, R. *Bios: biopolítica e filosofia*. Lisboa: Edições 70, 2004.

FISHER, S. Philosophy of architecture. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/architecture/>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FLUSSER, V. *The shape of things: a philosophy of design*. London: Reaktion Books, 1999.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCE, R. L. (ed.). *Handbook of regenerative landscape design*. Boca Raton: CRC Press, 2007.

FRY, T. *Defuturing: a new design philosophy*. London: Bloomsbury, 2020.

FULFORD, A.; LOCKROBIN, G.; SMITH, R. (eds.). *Philosophy and community: theories, practices and possibilities*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2020.

GADAMER, H.-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. A hermenêutica como tarefa teórica e prática (1978). In: \_\_\_\_\_. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 349-369.

\_\_\_\_\_. A ideia da filosofia prática (1983). In: \_\_\_\_\_. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 254-263.

\_\_\_\_\_. Cidadãos de dois mundos (1985). In: \_\_\_\_\_. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 241-253.

\_\_\_\_\_. Europa e o oikoumene (1993). In: \_\_\_\_\_. *Hermenêutica em retrospectiva*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012c. p. 283-300.

- \_\_\_\_\_. *Platos dialektische Ethik: Phänomenologische Interpretationen zum Philebos*. 5. ed. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2016.
- \_\_\_\_\_. Homeland and language (1992). In: VANDEVELDE, P.; IYER, A. (eds.). *The selected works of Hans-Georg Gadamer*. volume II. London; New York: Bloomsbury Academic, 2022. p. 177-181.
- GAGE, M. F. (ed.). *Aesthetics equals politics: new discourses across art, architecture, and philosophy*. Cambridge: The MIT Press, 2019.
- GARCÉS, M. *Un mundo común*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2013.
- GEORGE, T. The responsibility to understand. In: VAN DER HEIDEN, G.-J. (ed.). *Phenomenological perspectives on plurality*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 103-120.
- \_\_\_\_\_. Hermeneutic responsibility: Vattimo, Gadamer, and the impetus of interpretive engagement. *Duquesne Studies in Phenomenology*, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2020a. Disponível em: <<https://dsc.duq.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1003&context=dsp>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- \_\_\_\_\_. *The responsibility to understand*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020b.
- GILL, S. “Holding oneself open in a conversation” – Gadamer’s philosophical hermeneutics and the ethics of dialogue. *Journal of Dialogue Studies*, v. 3, n. 1, p. 9-28, 2015. Disponível em: <[http://www.dialoguestudies.org/wp-content/uploads/2015/05/Journal\\_of\\_Dialogue\\_Studies\\_Vol\\_3\\_No\\_1\\_Holding\\_Oneself\\_Open\\_in\\_a\\_Conversation\\_Gadamer-s\\_Philosophical\\_Hermeneutics\\_and\\_the\\_Ethics\\_of\\_Dialogue.pdf](http://www.dialoguestudies.org/wp-content/uploads/2015/05/Journal_of_Dialogue_Studies_Vol_3_No_1_Holding_Oneself_Open_in_a_Conversation_Gadamer-s_Philosophical_Hermeneutics_and_the_Ethics_of_Dialogue.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- GJESDAL, K. Davidson and Gadamer on Plato’s dialectical ethics. In: MACHAMER, P.; WOLTERS, G. (eds.). *Interpretation: ways of thinking about the sciences and the arts*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010. p. 66-90.
- HARRIES, K. *The ethical function of architecture*. Cambridge: The MIT Press, 1998.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. 8. ed. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 11-38.
- HUANG, Y. A copper rule versus the golden rule: a Daoist-Confucian proposal for global ethics. *Philosophy East and West*, v. 55, n. 3, p. 394-425, 2005. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/184698/pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- HULIN, L. InHabitng space: archaeologists, objects and architecture. In: BUXTON, A.; HULIN, L.; ANDERSON, J. (eds.). *InHabit: people, places and possessions*. London: Peter Lang UK, 2017. p. 21-36.
- JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2006.
- KÖGLER, H.-H. Ethics and community. In: MALPAS, J.; GANDER, H.-H. (eds.). *The Routledge companion to hermeneutics*. London; New York: Routledge, 2015. p. 137-148.
- KROES, P. *Technical artefacts: creations of mind and matter: a philosophy of engineering design*. Dordrecht: Springer, 2012.
- KUSSLER, L. M. Arquitetura hostil e hermenêutica ética. *Geograficidade*, v. 11, p. 16–25, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/29463/29564>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- LATOUR, B. *Facing Gaia*. Cambridge; Malden: Polity, 2017.

- \_\_\_\_\_. *Onde aterrizar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LAWN, C. *Gadamer: a guide for the perplexed*. London; New York: Continuum, 2006.
- LAWN, C.; KEANE, N. *The Gadamer dictionary*. London; New York: Continuum, 2011.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MAARTEN, F.; LOKHORST, G.-J.; VAN DE POEL, I. Philosophy of technology. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2022. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/technology/>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- MANG, P.; HAGAARD, B. *Regenerative development and design: a framework for evolving sustainability*. Hoboken: Wiley, 2016.
- MCMYLER, B. Gadamer and the authenticity of openness. *Episteme*, v. XI, p. 35-46, 2000. Disponível em: <<https://digitalcommons.denison.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1081&context=episteme>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- MEHMEL, C.-A. Possibility of hermeneutic conversation and ethics. *Theoria and Praxis*, v. 4, n. 1, p. 16-31, 2016. Disponível em: <<https://theoriandpraxis.journals.yorku.ca/index.php/theoriandpraxis/article/download/39749/35991>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- MORTON, T. *Hyperobjects: philosophy and ecology after the end of the world*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Dark ecology: for a logic of future coexistence*. New York: Columbia University Press, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Being ecological*. Cambridge: The MIT Press, 2018.
- MURPHY, J. W. *Community-based interventions: philosophy and action*. New York: Springer New York, 2014.
- NELSON, E. S. Life and world. In: MALPAS, J.; GANDER, H.-H. (eds.). *The Routledge companion to hermeneutics*. London; New York: Routledge, 2015. p. 378-389.
- OJAKANGAS, M. Polis and Oikos: the art of politics in the Greek city-state. *The European Legacy*, v. 25, n. 4, p. 404-420, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/10848770.2020.1721828>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- PARSONS, G. Nature, aesthetic values, and urban design: building the natural city. In: VERMAAS, P. E. et al. (eds.). *Philosophy and design*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2008. p. 341-354.
- RAFFNSØE, S. *Philosophy of the Anthropocene: the human turn*. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- RISSER, J. Language and alterity. In: KEANE, N.; LAWN, C. (eds.). *The Blackwell companion to hermeneutics*. Malden: Wiley-Blackwell, 2016. p. 122-129.
- \_\_\_\_\_. Hearing the other: communication as shared life. *Journal of Applied Hermeneutics*, p. 1-17, 2019. Disponível em: <<https://journalhosting.ucalgary.ca/index.php/jah/article/view/68707/53233>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ROHDEN, L. Ethical assumptions and implications of hermeneutic practice as practical wisdom. *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies*, v. 10, n. 2, p. 5-20, 2020a. Disponível em: <<https://ricoeur.pitt.edu/ojs/index.php/ricoeur/article/view/431>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. A virtude da solidariedade na hermenêutica enquanto um jogo de fusão de horizontes. *ethic@* - An international Journal for Moral Philosophy, v. 19, n. 1, p. 135-148, 20 maio 2020b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2020v19n1p135/43333>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. O outro também pode ter razão - para além de ele ter apenas seus direitos reconhecidos. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 62, n. 148, p. 259-276, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/kr/a/zQ44GG4VVXD9tjHFxCcLGhz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. On the hermeneuticus I as a presupposition of ethical hermeneutics. *ethic@* - An international Journal for Moral Philosophy, v. 21, n. 2, p. 400-417, 4 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/download/87177/51908>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ROHDEN, L.; KUSSLER, L. M. Pressuposto ético da alteridade na hermenêutica filosófica à luz do Sofista de Platão. *Trans/Form/Ação*, v. 44, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/vqJqX5LJBxJPVpKlXmgTGJc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ROÖS, P. B. *Regenerative-adaptive design for sustainable development*. Cham: Springer International Publishing, 2021.

ROY, J. “Polis” and “Oikos” in Classical Athens. *Greece & Rome*, v. 46, n. 1, p. 1-18, 1999. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/643032>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SCHALOW, F. *Heidegger's ecological turn: community and practice for future*. New York: Routledge, 2021.

SCHMIDT, D. J. Hermeneutics as original ethics. In: SULLIVAN, S.; SCHMIDT, D. J. (eds.). *Difficulties of ethical life*. New York: Fordham University Press, 2008. p. 35-47.

\_\_\_\_\_. On the sources of ethical life. *Research in Phenomenology*, v. 42, n. 1, p. 35-48, 2012. Disponível em: <[https://brill.com/view/journals/rip/42/1/article-p35\\_3.xml](https://brill.com/view/journals/rip/42/1/article-p35_3.xml)>. Acesso em: 10 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Hermeneutics and ethical life: on the return to factual life. In: KEANE, N.; LAWN, C. (eds.). *The Blackwell companion to hermeneutics*. Malden: Wiley-Blackwell, 2016. p. 65-71.

\_\_\_\_\_. Where Ethics Begins . . . *Epoché*, v. 22, n. 1, p. 159-175, 2017. Disponível em: <[https://www.pdcnet.org/epoche/content/epoche\\_2017\\_0022\\_0001\\_0159\\_0175](https://www.pdcnet.org/epoche/content/epoche_2017_0022_0001_0159_0175)>. Acesso em: 10 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Philosophical life and moral responsibility: wozu Philosophie? In: FIGAL, G.; ZIMMERMANN, B. (eds.). *International Yearbook for Hermeneutics*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019.

\_\_\_\_\_. Gadamer, humanism, and the humanities. In: GEORGE, T.; VAN DER HEIDEN, G.-J. (eds.). *The Gadamerian mind*. London; New York: Routledge, 2022. p. 37-48.

SNODGRASS, A.; COYNE, R. *Interpretation in architecture: design as a way of thinking*. London; New York: Routledge, 2006.

VAN DE POEL, I.; GORP, A. Deciding on ethical issues in engineering design. In: VERMAAS, P. E. et al. (eds.). *Philosophy and design: from engineering to architecture*. Dordrecht: Springer, 2008. p. 77-90.

VERBEEK, P.-P. Morality in design: design ethics and the morality of technological artifacts. In: VERMAAS, P. E. et al. (eds.). *Philosophy and design: from engineering to architecture*. Dordrecht: Springer, 2008. p. 91-104.

VERMAAS, P. E. et al. (eds.). *Philosophy and design*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2008.



VESSEY, D. Dialogue, goodwill, and community. In: KEANE, N.; LAWN, C. (eds.). *The Blackwell companion to hermeneutics*. Malden: Wiley-Blackwell, 2016. p. 312-319.

VEZZOLI, C.; MANZINI, E. *Design for environmental sustainability*. London: Springer London, 2008.

WARNKE, G. Hermeneutics, ethics, and politics. In: DOSTAL, R. J. (ed.). *The Cambridge companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 79-101.

\_\_\_\_\_. Gadamer on solidarity. In: GEORGE, T.; VAN DER HEIDEN, G.-J. (eds.). *The Gadamerian mind*. London; New York: Routledge, 2022. p. 78-89.

WILLIS, A.-M. Ontological designing. *Design Philosophy Papers*, v. 4, n. 2, p. 69-92, 29 jun. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.2752/144871306X13966268131514>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ZARI, M. P. *Regenerative urban design and ecosystem biomimicry*. London; New York: Routledge, 2018.



KUSSLER, Leonardo Marques. O HABITAR DE HERMES PODE ACOMODAR FORMAS DE VIDA [IN]CÔMODAS NO ANTROPOCENO?. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.1, 2023, eK23024, p. 01-13.

Recebido: 02/2023

Aprovado: 05/2023